

AS ROUPAS NAS PRÁTICAS CORPORAIS E ESPORTIVAS: A EDUCAÇÃO DO CORPO ENTRE O CONFORTO, A ELEGÂNCIA E A EFICIÊNCIA (1920-1940)

XENIA M. SALVETTI*

[Livro: SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, 148p.]

A recente obra de Carmen Lúcia Soares, docente da Universidade Estadual de Campinas, “*As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência, 1920-1940*”,¹ aborda a história da educação do corpo através do uso das roupas esportivas, presente nas reportagens e publicidades de periódicos especializados no campo da educação física e do esporte. Como contraponto aos periódicos da área de educação física e esporte, visando a destacar o lugar das roupas esportivas na vida cotidiana, também fez parte da pesquisa o estudo de revistas de variedades.

Carmen Lúcia Soares, ao afirmar que os atos de cobrir ou adornar o corpo nu constituem traços de distinção, singularidades de

cada cultura e sociedade, faz uma análise da relação do gesto de vestir-se e as determinações sociais.

As funções, significações da vestimenta vão além das necessidades de proteção do corpo, passando pela melhora da aparência, *performance* do corpo, preservação do pudor, conferindo um lugar importante na relação direta entre a roupa e o corpo do indivíduo.

Há uma dimensão mais tênue na ação de cobrir o corpo, que concerne à proteção ao contato, ao olhar do outro. Os atos de vestir-se ou de adornar-se expressam posições sociais, sexo, idade, classe social, cultura, condições de higiene, costumes, posição política ou religiosa de cada época e sociedade, revelando seu valor de mercado e uso. A privação da roupa com a nudez indesejada, elemento ameaçador usado em prisões, no tráfico internacional para a prostituição, como ato de violência, evidencia relações de poder e conflito.

Ainda que os gestos de eficácia e beleza nos exercícios físicos nem sempre estiveram relacionados ao desenvolvimento de roupas específicas que contribuíssem para a *performance*, conforto e estética, a preocupação com a aparência vai aos poucos, no decorrer do tempo, por meio da vestimenta, redesenhando, marcando o corpo.

A autora afirma que na relação entre a roupa e o sujeito que a usa há um complexo de informações subterrâneas em constante transformação, fazendo parte da história do corpo, da beleza, educação, higiene, mercado e consumo, sendo sua efemeridade um indicador das suas inúmeras dimensões de existência na sociedade. O ato de guardar as roupas, armazená-las, usá-las como moeda de troca, dote ou para vestir pobres que não tinham condições de comprar roupas novas, são indicadores de valores, crenças, ostentação, sobrevivência, solidariedade, caridade, crescimento industrial e comercial de outros períodos.

Marcador de distinção entre grupos sociais, a autora ressalta, acerca da relação entre as peças e os indivíduos, a existência do dualismo

nas necessidades de identificação e diferenciação por parte dos sujeitos, e frisa a percepção da distinção expressada nos detalhes de pequenos e grandes gestos, mas, sobretudo no que é aparentemente banal, podendo-se perceber o embate entre grupos sociais no desejo de igualar-se, imitar-se e talvez diferenciar-se ao mesmo tempo.

Nos gestos de comportamento público ou privado, nos modos de sentar-se à mesa, postar voz, esta educação dos corpos compõe um grande acervo de detalhes que resultam num mosaico da vida em sociedade, e dele as modas das vestes também participam. A moda, ao instigar movimentos imitativos e de diferenciação, acaba por oferecer ao indivíduo a sensação de pertencimento a um coletivo. E a alteração constante dos seus conteúdos nos mostra uma sucessão de tentativas de adaptar o objeto à satisfação do sujeito coletiva e individualmente.

A moda gerou processos laboriosos de desenvolvimento de técnicas, uso de materiais e abandono por novas necessidades de cobrir a nudez. O desaparecimento da moda na vestimenta ocorre quando há mudanças, transformações nas atividades, solicitando alterações que tornem a roupa adequada à função.

Retomando a importância na observação, a autora convida ao exercício de perceber, atentar para as minúcias do processo de confecção, como alteração de preferências de cores, tecidos, modelagens, e dos processos de uso da roupa, que vão se especializando no fio do tempo.

No final do século XIX e especialmente nas primeiras décadas do século XX, novas formas corporais ficaram mais presentes, principalmente para as mulheres que passaram das formas arredondadas para silhuetas mais esguias. No Brasil, estas mudanças ocorreram em particular com a expansão da imprensa e da publicidade.

Ao longo da década de 20, as cidades das principais regiões brasileiras aumentaram seu ritmo cotidiano, a dinâmica e a velocidade, tornaram-se signos do moderno, reorganizando, reprogramando,

pressionando novos gestos, comportamentos. Os indivíduos passaram a valorizar a rapidez das máquinas, como os automóveis, transportes, a dinâmica gama de diversões e lazer, como cafés, teatros, cinema, caminhadas e esportes praticados em espaços públicos, como andar de bicicleta, os campeonatos de natação e remo ocorridos em rios, o futebol exigindo corpos com mais energia, ágeis, leves.

As roupas para as atividades esportivas eram usadas por uma elite dos centros urbanos, ávida em equiparar-se ao cotidiano das grandes metrópoles europeias e com ênfase aos norte-americanos nos anos trinta. A aquisição de maiôs de lycra, tênis brancos, camisetas de algodão ou malha, era restrita às classes altas, devido à indústria incipiente, com seu alto custo.

As mulheres deixaram de usar os espartilhos e substituíram o salto alto por sapatos mais confortáveis e baixos, tendo o apoio da medicina higienista que os consideravam nocivos à saúde. As ações médicas também defenderam o uso de modelos amplos de tecidos macios e flexíveis, que permitissem ao corpo “respirar” e ter liberdade de movimentos. A vestimenta destinada à prática de exercícios físicos e esportivos contribuiu na formação de um estilo de moda jovial, leve, moderno. A palavra esporte passou a ser nome de revistas e jornais.

A educação do corpo pelo esporte e exercícios físicos implicava a percepção das articulações entre as partes do corpo em ação, a força dos ossos, o deslocamento de pesos, despertando uma sensibilidade física em relação à vestimenta no espaço urbano. As roupas que ficavam por baixo, como camisetas e calções, passaram para a superfície. Os tecidos mais procurados eram as malhas de jérsei leve e aderente, os tricôs macios, as lãs e sedas. Os tecidos apresentavam-se como extensão da pele, acompanhando as ações do corpo.

Até o final dos anos 20 a presença europeia nos modos, na estética, na cultura material, foi maior que a norte-americana,

principalmente no final da década com a crise de 1929. A presença expressiva dos Estados Unidos entre 30 e 40 ocorreu na negociação por bases militares, parcerias comerciais, e na forte propaganda do *American way of life*, estilo de vida norte-americano divulgado no rádio, cinema e imprensa, e teve grande aceitação, com destaque para o cinema. A publicidade nas revistas, em programas de rádio, ao divulgar conteúdos de beleza, estética, gestos corporais, mostrava um conceito de beleza homogênea que ia ao encontro dos interesses do governo e da elite em amenizar os traços de diversidade étnica da sociedade.

Produtos cosméticos desenvolvidos para o acesso da classe média, como maquiagens, tinturas, ondulações artificiais, ceras depilatórias instigavam o cuidado com a aparência jovial, exercícios físicos, práticas esportivas, que passaram a ser cada vez mais aceitos e realizados, exigindo uma especificidade maior das roupas nas práticas esportivas e exercícios físicos, tais como permeabilidade, elasticidade, sensibilidade.

Conselhos de cuidados com a pele apareciam com frequência nas revistas especializadas em esporte e educação física e de variedades. Cremes nutritivos, orientações sobre a exposição ao sol com parcimônia e o uso de maquiagem para cada período do dia ampliaram as possibilidades de aparentar e manter uma estética bela e juvenil.

A autora chama a atenção para os cuidados com a pele disseminados por médicos, pela publicidade de produtos cosméticos e farmacêuticos. A preocupação com a higiene, proteção, hidratação, absorção da superfície cutânea assegurou à pele o status de órgão revelador de patologias e características de distinção, de acordo com a tonalidade da pele, tornando, nos anos 30, o bronzeamento adquirido por banho de sol ou luz ultravioleta um símbolo de elegância, beleza e moda aos que tinham tempo para a prática.

Os exercícios físicos e esportes ao ar, como os banhos de mar, piscina, esportes náuticos, remar em rios, andar de bicicleta, jogar tênis começavam a consolidar-se, deixando o corpo mais descoberto. As roupas de banho ficavam mais leves e coladas ao corpo, expondo mais a silhueta. A modelagem mais cavada mostrava mais as pernas e os decotes passaram a fazer parte das peças de banho. O ventre também ficou descoberto com a introdução do biquíni, um maiô de duas peças.

O comprimento dos shorts diminuiu e passou a fazer parte do guarda-roupa feminino para passeio, andar de bicicleta, banhos de mar. As saias para andar de patins ficaram mais curtas. Na área têxtil, as fibras sintéticas foram mais usadas pelas malharias e tecelagens, ampliando o acesso às roupas para a classe média.

Os corpos mais descobertos mostravam novas formas e consolidavam a valorização da aparência na exposição. Nos anos 40 revelaram-se de forma mais sedimentada, indicando uma especialização da educação do corpo e da vestimenta.

A autora também analisou a importância do desenvolvimento da arte gráfica e da fotografia, como veículos de moda. Nos anos 20 e 30, o desenvolvimento da indústria da imagem suscitou o carácter breve, curto e fugaz da moda, que aos poucos mudou a concepção do tempo de vida da roupa e seu carácter descartável por uma nova.

A moda esportiva, presente nas capas de revistas, na publicidade, em reportagens de times, campeonatos esportivos, exercícios físicos, conquistou um importante espaço, e expressões como elegância e conforto passaram a caracterizar as roupas esportivas. Apesar de as revistas de variedades não serem a fonte privilegiada da pesquisa, no estudo realizado em *O Cruzeiro*, *Ariel* e *Revista da Semana* observou-se na publicidade uma grande divulgação de um estilo de moda esportivo. Importantes lojas como *Mapping Store*, *Casa Excelcior*, *Casa Alemã*, ao

anunciarem a moda esportiva, incentivavam a prática de esportes e exercícios físicos desde 1920.

A publicidade sistematizou, por meio de imagens e textos, um discurso valorizando os comportamentos, hábitos e vestes relacionados ao estilo esportivo no espaço urbano. Nos periódicos especializados em educação física eram costumeiros os anúncios de tônicos prometendo resultar em corpos saudáveis.

No que se refere às roupas esportivas, algumas lojas e produtos apareciam com regularidade, como a Casa Cepo, O Camiseiro e Casa Indiana. Na revista Educação Physica – Revista Técnica de Sports e Athletismo, dentre as lojas com produtos esportivos anunciados, a loja O Camiseiro anunciava camisas e calções para ginástica. No segmento de calçados esportivos, a Shneider&Irmãos Ltda. fabricava calçados para basquete e oferecia o serviço de reforma e conserva deles. A Casa Hermann e seus distribuidores vendiam patins *Red-flyer* e o Voador que tinha rodas de fibra ajustáveis, além de aparelhos de ginástica.

A Casa *Sportsman* também divulgava eventos esportivos e festas em clubes. Em 1936, a revista Educação Física do Exército anunciava a venda de roupas de banho, patins, aparelhos de ginástica e cultura física, também vendidos pela Casa Indiana, outro anunciante na mesma revista. Aparelhos de biometria, de bronzamento faziam parte da publicidade da Casa Lohner, enquanto as bolas de futebol, de polo aquático, vôlei, *rugby* eram comercializadas pela Casa *Superball*.

Programas de rádio sobre exercícios físicos nos anos 30 eram divulgados nas revistas especializadas, com os dias e horários nas Rádios Ipanema e Tupy, alcançando diferentes públicos. Nos anos 40, na Educação Physica – Revista Técnica de Sports, o médico Eugenio Coutinho assinava um artigo comentando sobre os programas da Rádio Tupy dedicados aos temas vestuário, moda e relação com a higiene, recomendando às mulheres exercícios físicos moderados.

A elegância e o conforto eram mais importantes que a *performance* da roupa, principalmente para as mulheres, revelando uma ambivalência entre a eficiência e a esbeltez, com vistas ao conforto. Desde o início do século XX foram poucos os esportes com equivalência entre os gêneros. Na equitação para ambos os sexos, o traje sóbrio era composto por calças compridas, paletós de ótima alfaiataria, botas que abrigavam pés e pernas, luvas e chapéus similares. Na esgrima, a vestimenta era a mesma, diferenciando-se na calça para os homens e saia de trama resistente e modelagem confortável para as mulheres.

Nos textos, ilustrações e nas fotografias com mulheres e homens posando parados ou praticando exercícios, a autora destaca a atenção dada às roupas específicas da prática esportiva, sem deixar de enfatizar a elegância para as mulheres. Na capa da revista *Sport Ilustrado*, de agosto de 1938, uma nadadora da equipe O Futebol Clube Fluminense, sentada à beira da piscina, aparecia trajando um maiô azul-marinho com decote que deixava descoberta metade das costas. A legenda da imagem informava a graciosidade da atleta. A mesma informação não se repetiu na capa de abril, que mostrava um mergulhador do Clube da Tijuca fotografado no momento em saltava do trampolim, apesar de seus gestos levarem à mesma apreciação da bela plasticidade captada pela foto.

A ênfase maior à aparência também pode ser observada em duas capas de 1938 da mesma revista. As fotografias mostravam velejadoras em suas funções, onde a praticante na capa número 5 trajava um alinhado e primoroso maiô e usava tênis brancos. Na capa consecutiva, duas mulheres vestiam elegante pantalonas e saia-calça, usavam lenços na cabeça e sapatos confortáveis semelhantes a alpercatas, revelando as tendências da moda no esporte náutico. A autora ressalta que a aceitação do uso de calças femininas ocorreu de fato na década de 60, quando não eram mais proibidas de entrar com essas peças do vestuário em bares, restaurantes, entre outras casas.

A publicidade, as reportagens com profusas imagens faziam referência à elegância e saúde femininas, não só das praticantes, como também das espectadoras na atitude cotidiana com seus corpos, nos comportamentos, na postura.

No que concerne ao quesito conforto, algumas peças do vestuário esportivo tiveram mudanças significativas. A saia-calça, utilizada para lazer, práticas esportivas, uniformes escolares, encurtou sem deixar de guardar o pudor em exercícios físicos mais ousados. No tênis, as saias longas encurtadas desde os anos 20 apresentavam opções de comprimento de 10 cm acima dos tornozelos, na metade das pernas, chegando acima dos joelhos nos anos trinta. Também havia a opção da saia-calça, presente desde o final do século XIX, que na década de trinta ficou um pouco acima dos joelhos, e também os “macaquinhos”, conjuntos de camiseta de manga curta e short acima dos joelhos.

No mesmo período em que as saias de tênis encurtaram, os homens trocaram as calças compridas por shorts e as camisetas e calções diminuíram de tamanho. Além de oferecer mais praticidade e conforto, as roupas esportivas passaram a evidenciar, realçar o vigor e as formas do corpo.

Na análise das roupas para exercícios físicos, atividades esportivas divulgadas em revistas especializadas de variedade, programas de rádio e suas relações com processos de educação do corpo e discursos sobre práticas da medicina higienista ocorridos ao longo dos anos 20 aos 40, revelaram que os exercícios físicos foram agentes na formação de um imaginário da beleza, aparência, gestos vigorosos, juvenis, que transmitiam energia, leveza e agilidade através da educação corporal.

As mulheres participaram nesse período de forma incomum ao ganharem espaço nas práticas esportivas, usando roupas que expuseram mais os seus corpos.

O objeto de estudo da cultura material escolhido, as roupas esportivas, revelavam relações de poder, gênero, espaços hierárquicos como clubes, campeonatos, hierarquias de consumo, que incluíam e excluía grupos sociais. Trata-se, sem dúvida, de uma pesquisa inovadora sobre a educação do corpo através do estudo das roupas para exercícios físicos e esportivos.

Notas

* Pós-doutoranda e Doutora em História Social na FFLCH –USP. Professora no Centro Universitário Belas Artes e Senac nos cursos de pós-graduação lato sensu de Moda. E-mail: xsalveti@gmail.com

¹ SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, 148p.

Data de envio: 19/01/2014.

Data de aceite: 30/01/2014.